
Boletim regular destacando a energia de boa vontade nas questões mundiais

Editor: *Dominic Dibble*
Worldgoodwill.org

Edição de GEM – Grupo de Estudos Maitreya em português



RECONSTRUINDO O SANTUÁRIO DA VIDA HUMANA

ESTE ANO, *Reconstruindo o Santuário da Vida Humana* foi o tópico do Seminário da Boa Vontade Mundial em Genebra, Nova Iorque e Londres. A importância crucial desta ideia foi colocada em grande relevo pelos incidentes terroristas da noite anterior em Paris. Por uma estranha sincronia, alguns meses antes do evento, foi seleccionada uma imagem parisiense (ver acima) para acompanhar o material de divulgação do seminário. É a luz do Sol, símbolo de vida, amor e plenitude, brilhando através da pirâmide de vidro do museu do Louvre, um dos grandes repositórios da civilização. Dificilmente haveria um contraponto simbólico mais adequado para a ilusória capacidade de destruição dos atacantes.

A amplitude do tópico permitiu que os apresentadores convidados o abordassem sob muitos pontos de vista e uma série de temas unificadores pôde ser percebida durante os três encontros: a importância central do amor inteligente; a necessidade de pessoas de boa vontade trabalharem em grupos ou comunidades; a necessidade de partilha de todos os recursos; a realização concreta deste princípio de partilha nos acordos internacionais, tais como os que regem as alterações climáticas; a importância vital da educação e do apoio aos jovens; a necessidade de encontrar maneiras de transformar criativamente os conflitos. O material seguinte foi por isso compilado tematicamente para mostrar estes pontos de ressonância. Foi também resumido até um certo ponto, mas tentando manter a nota de cada apresentador. Para visionar o vídeo de arquivo de Londres e Nova Iorque, ou ouvir o áudio de Genebra, por favor acessem a worldgoodwill.org/seminar e, para detalhes dos apresentadores, por favor vejam a última página do boletim.

Amor – O Espírito de Relacionamento

Nos comentários preliminares em Londres, foi realçado que podia ser designado como Espírito de Relacionamento aquilo que a civilização humana necessita neste momento, o qual “queima todas as barreiras na natureza humana, todos os muros de separação entre indivíduos, entre grupos e entre

nações.” Isto está naturalmente relacionado com o poder alquímico do coração, que foi abordado por Sarida Brown.

Alquimia para a Transformação no Mundo

Sarida começou as suas reflexões a realçar que, em cada segundo da vida, temos a opção de abordar através do amor ou através do medo. Observou, “Foi-nos concedida esta grande escolha e é algo que não podemos ignorar”. Partilhou dois epítetos acerca da tradição sufi na qual foi criada: que o sufismo é o caminho do coração; e que é o caminho da liberdade espiritual. Na compreensão dos místicos sufis, os dois estão ligados porque o local onde percebemos o ser divino, ou Verdade, o local onde encontramos Deus, é na profundidade mais profunda do coração humano – o coração espiritual. É o coração que tem a qualidade, a responsabilidade e o poder para perceber o que é verdadeiro. Esta capacidade está em cada pessoa e o desenvolvimento vem através do seu reconhecimento em cada momento, abrangendo progressivamente a verdade que permite ao amor superar o medo.

Sarida
Brown
LONDRES



Um aspecto do amadurecimento do coração espiritual é o modo como ele é aprofundado pela dor: “O coração não está a viver enquanto não experienciar a dor”. A poesia sufi está cheia destas imagens. O coração tem a capacidade de transformar alquimicamente toda a experiência, seja sucesso ou fracasso, amor ou medo, alegria ou tristeza, em qualidades úteis para os outros – se o coração permanecer aberto. Deste modo, o coração desenvolve qualidades de simpatia, amor incondicional e compaixão por si próprio e pelos outros, expandindo-se de si mesmo para o outro e todos os outros.

Na mitologia sufi, também se fala do coração como o trono de Deus e o santuário de Deus. Quanto mais o coração humano se tornar no altar para a união entre o humano e o divino, mais ele incarna a universalidade como realidade da consciência humana universal manifestando-se nesta vida.

Em árabe, a palavra para coração é *qalb*, cuja raiz significa rodar, derrubar e alterar. A imagem é que o coração, quando liberto das amarras do ego, está a ser constantemente transformado e alinhado com as manifestações da realidade divina. Ibn Arabi, o grande místico sufi do século XIII, escreveu que o princípio de existência é movimento. Tornamo-nos servidores verdadeiros à medida que nos libertamos das construções do ego e nos entregamos ao movimento divino.

Assim, o coração é o mediador entre o divino e o humano. Ele age como um eixo entre a existência humana e a realidade divina, capaz de reflectir e fazer descer as realidades dos planos superiores para a consciência e matéria neste plano físico, e igualmente capaz de ‘transferir’ a essência e a sabedoria que é eternizada através da compreensão nesta vida. Deste modo, o coração é o instrumento de evolução. Na tradição sufi, a imagem é que Deus cria o universo a partir de amor e está empenhado na Sua evolução contínua através de cada uma das Suas criaturas. Nós somos os instrumentos através dos quais Deus, ‘O Real’, está a evoluir.

Uma bela imagem do caminho que liga o individual e o universal é que nos tornamos instrumentos através dos quais Deus vê e ouve por intermédio dos olhos e ouvidos do coração. À medida que o ser humano evolui em compreensão espiritual, o coração compreende por meio de consciência universal, livre das limitações pessoais.

O coração desenvolve também um poder criativo sem precedente que podia ser descrito como o poder divino actuando através da consciência do ser humano realizado. Ele inclui o poder de transformar consciência e matéria. Hazrat Inayat Khan disse que o poder de concentração é muito mais importante num curador porque o curador trabalha para transformar matéria. Isto aplica-se claramente aos grandes seres que são os curadores das nossas sociedades.

Comunidades de boa vontade

A energia ardente de amor e o poder director da vontade são ingredientes-chave de grupos e de comunidades que se esforçam por servir. Tom Ravetz associou a formação destas comunidades a uma compreensão moderna de cooperação com as hierarquias angélicas ou dévicas.

Trabalhando com os Anjos:

Construindo a Comunidade na Nova Era

Tom realçou que um tema que perpassa o trabalho de Rudolph Steiner é a realidade de hierarquias espirituais e sugestões de como trabalhar com elas. Podemos trabalhar com conceitos bastante claros, adoptando-os como hipóteses para ver se eles nos permitem fazer o nosso trabalho no mundo, o nosso serviço, mais resolutamente e com maiores possibilidades de amar.

Rev. Tom
Ravetz
LONDRES



Quando pensamos acerca dos anjos (como são chamados tradicionalmente), as hierarquias espirituais, temos agora, na realidade do mundo digital, um tipo de ajuda diferente de há 10 ou 20 anos atrás; porque já não é surpreendente pensar em algo como uma inteligência global. Na inteligência global emergente podemos ver uma contraparte da ideia de que na verdade existem inteligências no mundo, ajudantes espirituais que não estão em corpo físico. Pensamos nestas mentes em ascensão, ou talvez dizendo ampliando-se, de modo a ter a imagem de raios de consciencialização crescente, pois existe um anjo com a capacidade de acompanhar um ser humano durante o período de vida ou, talvez se o pensarmos, durante muitos períodos de vida. Então podia existir um Arcanjo, ou um ser superior, ou podia dizer-se um ser maior, que tivesse a capacidade de acompanhar muitos seres humanos, nas comunidades, nos agrupamentos, ou nas nações, dando-nos a ideia do espírito de um povo ou de uma nação. Para além disso, temos os chamados Archai, os espíritos do tempo, cuja consciência pode abarcar toda a humanidade.

Gostaria de começar a pensar no espírito do tempo, no contexto alterado após o rescaldo dos acontecimentos em Paris. Terror é uma realidade diária em grande parte do mundo. Mas quando algo acontece como ontem em Paris, de repente o terror fica perto de nós, muito perto de nós. Em tal momento, podemos perguntar, podia isto ajudar-me a pensar no espírito do tempo, uma inteligência inclusiva que carrega em si os objectivos e propósitos da humanidade? Como olha uma tal inteligência para os acontecimentos que se têm passado nas ruas de Paris? Como iria o Anjo da Idade olhar para o jornal? Provavelmente com critério bastante diferente do nosso. Eu nem sequer sei quem mais faleceu ontem no mundo, violentamente e talvez por tácticas de terror; e porque é assim? Porque Paris interessa-me muito mais. Se três pessoas morrem em Londres isso surge nas notícias de capa, se cem pessoas morrem em Ancara vem na página 3, e se mil pessoas morrem no Sul da Índia está na página 22. Por isso, existe um tipo de egoísmo individual, grupal e nacional, que nos leva a nos identificarmos com coisas que nos estão próximas. Se pudermos imaginar uma inteligência que incluía toda a humanidade, no seu jornal só existe a primeira página; nada é relegado para as páginas interiores. Mas podemos também perguntar então, como avalia o que estamos a trabalhar, como vê os desafios a que nos propusemos? Fazemos parte de uma equipa de 7 mil milhões: o que estamos a explorar, que descobertas estamos a fazer?

Descendo até as hierarquias e pensando no nível inferior seguinte, pode ser útil imaginar que, quando fazemos algo em grupo, talvez começando com o grupo mais pequeno e avançando para algo como uma nação, será que existe uma espécie de contraparte? Até a nossa comunidade teria hoje a sua contraparte numa inteligência que podia abranger todos os nossos destinos individuais. Talvez todos os nossos anjos se tenham encontrado ontem para planear a reunião de hoje. Tal convocação de anjos quer tornar-se o recipiente de uma inteligência superior; provavelmente não um Arcanjo de pleno direito porque, afinal, esta comunidade é temporária, uma comunidade para esta tarde. Todavia, um anjo que esteja, por assim dizer, a evoluir para o estatuto Arcangélico.

Uma das imagens maravilhosas dos seres espirituais que Rudolf Steiner nos dá é que, diferentemente de nós, cada grau encontra a sua realização ao deixar-se permear pelo nível superior seguinte. Temos de trabalhar muito na Terra para ter a certeza de permanecermos bons e separados, e se alguém quiser controlar-me, o que é muito preocupante, tenho de conseguir mantê-lo de fora. É completamente o oposto no mundo angélico. Os anjos não gostam de mais nada do que tornar-se recipientes de seres Arcangélicos. É aí que podemos começar a perceber como nos pode ser útil trabalhar com estas ideias; porque os seres Arcangélicos também querem alinhar-se com os objectivos colectivos da humanidade. Podemos começar a entender como desenvolver qual a qualidade de um

grupo ou comunidade onde esteja envolvido. Claro que é porque, quando seres humanos se juntam, existe um lado sombra bem como um lado positivo. Existem coisas como conluios, existe essa coisa como o tipo errado de nacionalismo por assim dizer; como discernimos isso? Só se tivermos uma imagem do objectivo do mundo, que se transfira através das fileiras de seres até que o meu anjo a passe para mim e eu possa decidir se me alinho com a realidade suprema, ou passo ao lado. Então isto pode dar-nos um instrumento de diagnóstico para olhar o que se está a passar não só nas ruas de Paris, como também nos céus da Síria, do Iraque e do Afeganistão. Qual a pergunta com que nos devemos debater como humanidade?

Uma possibilidade é o estarmos a debater para decidir qual é o poder mais importante no mundo, se amor ou medo. Existem muitos sinais de pensarmos que o medo é o poder mais importante. Será a guerra ao terror uma tentativa de combater o medo com o medo? Mas também estamos numa era em que podemos testemunhar um surto espantoso de amor, de empatia, muito para além de fronteiras nacionais, estando os povos a aproximarem-se uns dos outros em todo o mundo. Podemos encontrar indícios de este ser o combate central. Isto encaixaria naquilo que muitos de nós pensam ser o objectivo central da evolução mundial, o avançar para o amor altruísta e criativo, como uma imagem ou imitação do divino. A questão seria se isto nos ajuda a executar melhor o nosso trabalho, a estar ao serviço, a ser amoroso no mundo, se imaginamos que este objectivo para o mundo está a descer em cascata pelas fileiras dos anjos, dando-nos a escolher como desejamos alinhar-nos.

O Princípio de Partilha – Vida, Energia, Recursos

Foi discutida a necessidade vital de partilha em várias das apresentações. Thomas Bohrn abordou isto num nível fundamental, reflectindo sobre a partilha de vida tanto em termos espirituais como físicos.

Fluxo de Vida, o Sistema Cardiovascular e Nosso Santuário

Thomas convidou os participantes a reflectir sobre a nossa conexão com o fluxo de vida. Realçou que existem muito poucos momentos preciosos em que somos capazes de sentir e participar conscientemente neste fluxo. No entanto, estes momentos surgem mesmo e cada um deles representa um bloco de construção estável do Santuário uno. Abordando este pensamento do ponto de vista da ciência, citou o modo como a luz passa de um ponto para outro no espaço como um símbolo de como podemos participar na circulação de luz e vida. Outros modelos de ciência incluem o sistema cardiovascular. Uma das expressões do fluxo de vida ao nível físico pode ser vista na circulação de sangue. Esta actividade de partilha do dom de vida para todas as células dentro do corpo é contínua e representa um aspecto de plenitude mental, só interrompida no final de uma dada encarnação. Esta partilha não só acontece ao nível de células individuais, mas chega mais fundo, até ao nível atómico. Um papel-chave na distribuição de oxigénio é proporcionado pelo ferro que, nas condições atmosféricas usuais, perde o brilho superficial, devido à reacção com oxigénio e à formação de ferrugem. Por contraste, no nosso sangue, o ferro cria um elo com o oxigénio com o objectivo de distribuir Vida pura e não acontece a formação de ferrugem.

Thomas
Bohrn
GENEBRA



Na verdade, partilha representa uma característica-chave do ferro e dos metais em geral. A maioria das substâncias cria as suas ligações partilhando geralmente alguns electrões entre uns poucos vizinhos próximos. Contudo, os átomos de metal renunciam a alguns electrões para criar o chamado oceano de electrões quase livres que podem ser partilhados por todos os átomos presentes num dado objecto.

Ao nível de órgãos, o próprio coração físico é um fornecedor de serviço muito eficaz: só cerca de 4% do fluxo total de sangue é usado para a manutenção dos músculos do coração em operação. Voltando ao nível celular ou de tecido, podemos analisar o tecido chamado endotélio, que está em contacto com o sangue tanto no nosso sistema vascular como noutros órgãos. A investigação recente mostra como é importante o estado deste tecido para a saúde. O estado das artérias e a função ou

disfunção do endotélio pode ser facilmente medido não invasivamente com uma onda de pulso, uma técnica que Thomas usa no seu trabalho.

Então, a partir dos modelos à nossa volta, o que podemos aprender para sermos mais eficazes na construção do Santuário da vida humana? Por exemplo, procuraremos luz de modo a servir verdadeiramente como as árvores? As árvores parecem estar muito próximas dos reinos espirituais superiores em termos da capacidade de buscar a luz continuamente e penetrar a terra de modo a criar um Santuário de Vida. Todo o seu esforço é usado para este único objectivo, que serve não só as próprias árvores, mas intensifica a Vida à sua volta, propiciando um ecossistema de outras plantas e animais através da circulação inteligente de Luz e Água. Será que partilhamos o suficiente, como os átomos de metais, para alcançar os níveis elevados de condutividade em resposta à inspiração espiritual oferecida na corrente sanguínea cósmica de Vida pura? O valor de 200 euros pode representar um lugar para uma criança num mosteiro budista durante um ano, incluindo toda a alimentação, alojamento e educação. Deste modo, a vida de uma criança pode ser salva da pobreza ou até de perigos mais sérios. Quanto é gasto em consumo não essencialmente necessário em vez de se investir na Vida de outrem? O nosso modelo económico actual está muito mais focado em criar crescimento económico através do aumento do consumo de bens e serviços, que são frequentemente adquiridos sem qualquer objectivo nobre ou propósito elevado. Contudo, este modelo económico cristalizado está em completa contradição com aquilo que pode ser aprendido nos modelos naturais. Criar valor real e partilhá-lo quase livremente sem barreiras parece ser o caminho da Natureza.

A tensão criativa entre este alvo evolutivo potencial e a realidade corrente está provavelmente expressa na incidência generalizada da doença do coração. Toda a doença pode ser entendida como um sinal de desvio do caminho correcto e uma lição sobre como perceber isso. Pode tornar-se realidade um modelo económico mais realmente baseado na livre circulação do coração?

As reflexões de Daniel Hersann consideraram a vontade de partilhar como um aspecto da Lei de Economia.

Em Direcção a uma Nova Economia

Daniel começou por citar três leis fundamentais: a Lei de Unidade, que revela a síntese de toda a existência; a Lei de Relação Correcta, atraindo-nos para os relacionamentos; e a Lei de Economia, regendo o mundo da unidade individual, seja ela átomo, pessoa, empresa ou nação. Observou que estas três leis expressam a triplicidade fundamental de Vontade, Amor e Inteligência. O problema é que, enquanto a consciência humana se identificar principalmente com a separativa Lei de Economia, reinarão o egoísmo e o conflito.

Daniel
Hersann
GENEBRA



Neste contexto, não devemos esquecer que a economia mundial é, ela própria, uma forma criada sob a Lei de Economia. Só quando a Lei de Relação Correcta e a Lei de Unidade começarem a emergir como uma realidade na consciência, e começarem a demonstrar-se praticamente como vontade-de-bem, é que o egoísmo começará a diminuir, e só então a Lei de Economia poderá ser exercida para benefício do todo.

Estamos assim pois numa época em que duas visões mundiais opostas se confrontam: uma visão mundial emergente, baseada na colaboração grupal, partilha, e valores humanos verdadeiros e a visão mundial existente, baseada no poder do indivíduo, competição, exploração e valores materiais. A emergência da nova visão mundial proporciona uma prova clara de que, na verdade, a consciência da humanidade está a transformar-se.

Quando esta transformação ocorrer, numa escala suficientemente ampla, produzirá inevitavelmente dois resultados. Primeiro, o conjunto de verdades aceites que estabeleceu a ordem mundial presente será substituído gradualmente por um novo conjunto de verdades. Segundo, as instituições da sociedade necessitarão de se adaptar. A forma empresarial tradicional que procura

maximizar a riqueza do accionista serve o paradigma antigo. Felizmente, está a emergir uma adaptação mais inclusiva desta forma empresarial.

A essência da experiência humana tem portanto a ver com a qualidade de relacionamentos estabelecidos pela actividade e regulados por leis. O conflito actual, entre a Lei de Economia separativa e a Lei de Relacionamento Correcto em fortalecimento gradual, expressa a evolução progressiva da consciência humana.

O dinheiro estabelece o elo entre oferta (negócio) e procura (consumidores) através do sistema de pagamento da actividade humana (emprego remunerado). O dinheiro está para a economia como o sangue para o corpo humano. Neste momento, esta energia vital não encontra caminho para todos os seres humanos porque a oferta reconhece somente a procura contabilizada e não a necessidade humana. A proliferação de ONGs, e de iniciativas como a de Bill Gates e do Compromisso de Dádiva de Warren Buffet, demonstra o reconhecimento geral de que é disfuncional o sistema de distribuição económica. Para resolver o problema económico de distribuição é necessária a vontade de partilhar.

Ao nível da humanidade, encontramos correntemente uma ausência de uma vontade humana colectiva. As Nações Unidas esforçam-se por incorporar esta vontade colectiva e estão a começar a delinear os planos de um objectivo humano comum, expresso previamente nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, e agora por via dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável. Os estados-nação, nos quais reside o poder material, estão frequentemente em oposição à ONU porque, enquanto expressam em algum grau a Lei de Relacionamento Correcto para com os seus cidadãos, expressam primordialmente a Lei de Economia em relação às outras nações. Por outro lado, as empresas transnacionais mais importantes personificam discutivelmente uma miniatura de mundo integrado de nações, mas consomem todo o poder ao perseguir objectivos materiais restritos sem se importarem suficientemente com os problemas da humanidade. Assim, as agendas políticas e económicas seguidas pelos diversos operadores na economia mundial representam uma resposta egoísta à situação económica actual. Isto é estranho por ser bem sabido que a cooperação entre os membros de uma equipa é muito mais eficaz do que a competição. Se isto se aplica a equipas, porque não se aplicará a equipas de equipas?

É por esta razão que os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU são de importância vital, dado fornecerem o início de uma visão humana comum. Estes objectivos deveriam constituir uma parte central da educação em todas as nações. A chave indutora de uma alteração sistémica é a educação correcta das crianças do mundo e é provável que esta alteração só seja produzida por força de uma opinião pública iluminada. A vontade de partilhar deve prevalecer sobre o desejo de acumulação material.

O impulso competitivo para integração e automação verá paradoxalmente o fim da competição, dado que a competição simplesmente não funciona num sistema integrado. Neste contexto, o desenvolvimento mais interessante na economia talvez seja a emergência de ecossistemas empresariais, onde o sucesso depende, cada vez mais, do sucesso mútuo de parceiros de ecossistema e, assim, a colaboração grupal torna-se necessária. De um modo semelhante, grupos de países estão a criar relações comerciais de modo a fortalecer o lado económico relativo a outros grupos de países.

Imagine um conselho executivo composto por indivíduos sábios de elevada integridade controlando toda a economia mundial – uma empresa organizacional formada por nações e negócios. Encarando a economia deste modo, podem emergir as seguintes observações:

- 1) Qual deve ser o propósito da economia mundial? Não será o uso inteligente de recursos e a distribuição equitativa para todos dos bens e serviços necessários para viver?
- 2) Com a tecnologia actual, será possível uma estrutura global regida por um incentivo correcto de negócio e baseada em valores humanos verdadeiros?
- 3) Como podemos evitar o fracasso sistémico ao passar de uma mentalidade competitiva para uma colaborativa, mantendo o empreendedorismo criativo do sistema existente?

- 4) Enfrentamos o problema da apropriação dos recursos planetários por um número pequeno de indivíduos e grupos, e o nosso sistema legal apoia isto. No entanto, o sistema legal foi usado durante a época de Abraham Lincoln para assegurar que os seres humanos já não pudessem ser propriedade de homens poderosos. Em que medida pode o mesmo princípio ser adaptado ao longo do tempo com respeito a todos os recursos planetários?
- 5) Quais as novas formas de trabalho que a humanidade encontrará, e como podemos assegurar que serão apropriadamente remuneradas de modo a serem satisfeitas as necessidades de todos?
- 6) Para enfrentar a desigualdade no sistema económico é necessária uma abordagem diferente na educação aplicada globalmente. A base de toda a educação tem de ser os valores humanos verdadeiros que residem no coração de todas as religiões mundiais.
- 7) O dinheiro é criado pelos bancos comerciais através da imposição de dívida a todas as outras unidades dentro da economia. Isto leva a um enriquecimento desigual do sector financeiro por meio de um fluxo de juros sem fim. Como poderá a criação de dinheiro e de investimento ser feita de um modo que beneficie a sociedade mundial como um todo?

Em tempo algum na História humana tem sido tão evidente que a humanidade é um organismo em evolução. Nações e corporações transnacionais são, elas próprias, órgãos dentro do organismo maior da humanidade. A ONU é o órgão humano que se esforça por compreender a humanidade como um todo. Ela representa a luz de sabedoria na mente colectiva da humanidade, que ressoa num número rapidamente crescente de homens e mulheres de boa vontade. A ONU está a tentar impor a ordem nos processos planetários, de modo que a humanidade seja capaz de responder, de forma consciente e global, aos acontecimentos planetários mais importantes. O paradigma económico do crescimento material, e a sua lei associada de competição, é o único maior obstáculo ao progresso humano. Quebrar este paradigma económico é o desafio mais importante da nossa época.

Numa ampla sessão de perguntas e respostas, Rajesh Makwana da Share the World's Resources (Partilha dos Recursos Mundiais) discutiu algumas das dimensões práticas urgentes na necessidade de partilha.

O Coração Invisível: Partilha dos Recursos Mundiais

Rajesh
Makwana
LONDRES



Porque existe uma necessidade de partilhar? A realidade é que estamos no meio de uma emergência global. Todos já ouvimos as estatísticas: como 1% da população mundial mais rica possuirá em breve, em termos de bens e riqueza, tanto como toda a população restante. Existe essencialmente um nível crescente de desigualdade no mundo e, contra a compreensão geral, existem actualmente mais pessoas a viver na pobreza do que nunca. A situação com a alteração climática foi notícia recente. Sabemos que a temperatura média global foi já excedida em 1 grau e estamos a caminho de um aumento de 4 graus até ao fim do século. Existe uma escalada nos conflitos devidos a recursos escassos. Por isso, necessitamos de encontrar meios de partilhar globalmente a riqueza e os recursos naturais de forma mais equitativa e de um modo que seja cooperativo e não leve ao conflito.

Qual é o caminho correcto para estruturar o mercado: deve ser através de sociedades limitadas, ou existem outros modelos mais apropriados para partilhar de modo equitativo? Dito de outra forma, teremos iPhones no paraíso? Penso que há um problema quando se chega ao ponto de as companhias crescerem para uma dimensão em que se tornam as Apples do mundo. Admito ter um iPhone e sou pragmático a esse respeito, precisamos do que precisamos. Mas penso necessitarmos de ser cuidadosos acerca desta ideia de abundância e reconhecer que não devemos perseguir apenas uma abundância material, mas também uma abundância espiritual. Para mim, abundância é ter a certeza de todos terem acesso àquilo que necessitam para sobreviver e viver. Temos de reconhecer que estamos agora a consumir os recursos naturais 50% mais depressa do que a Terra consegue repô-los. O planeta está a ser ecologicamente ultrapassado. Assim, se queremos realmente abundância, necessitamos de abundância sustentável. Precisamos de usar recursos dentro da capacidade finita suportada pelo planeta.

Qual o modelo de eco-economia que nos fará avançar? Em suma, é uma economia baseada no princípio de partilha, onde reconhecemos existir um planeta cheio de recursos que necessitamos de partilhar e distribuir de tal modo que sejam satisfeitas as necessidades de todos os povos. Existem muitos relatórios de economistas ecológicos e a Oxfam publicou um relatório referido como ‘o relatório Doughnut (Donut)’ que olha para os limites planetários e sociais. Só precisamos de ter em mente a realidade da abundância. 75% da população mundial vive com menos de 10 dólares por dia. Isto não é o que podem gastar no seu país, mas o que se pode comprar com 10 dólares na América. E há 47 000 pessoas que morrem diariamente por não terem acesso ao básico. Por isso, precisamos de ajustar esta ideia de abundância à realidade da situação mundial.

Estou certo que muitas pessoas já ouviram falar acerca do movimento dos povos que propõe uma terceira categoria de propriedade. Tudo o que é essencial à vida seria partilhado, o resto poderia ser possuído pública ou privadamente. Têm alguma esperança de que isto aconteça e como? Concordo essencialmente com o facto de o movimento dos povos incluir um aspecto de partilha, e existem muitos outros exemplos com uma abordagem semelhante, seja o movimento de cidade de transição ou o de câmbios locais. O problema que temos e a razão de as coisas estarem a piorar é porque, mesmo existindo um reconhecimento de que a partilha é fundamentalmente o que somos e, por isso, deve ser o modo como nos organizamos, os sistemas e instituições e políticas, que apoiam o modo como a economia trabalha, estão todos baseados em velhos modos de auto-interesse. Existe uma ideia de *homo economicus*, a ideia de todos sermos auto-interessados, competitivos, individualistas, esbanjadores. É esta ideia que ainda é a base do fazer política, não só no nosso país, como também nas instituições globais. Como se expressa esta tendência emergente para a partilha e união num mundo que ainda é apoiado pelo material de auto-interesse nacional, competição e ambição?

O que continua a surgir-me é comunidade. Está possivelmente no nosso âmbito criar essa comunidade de partilha. Acreditam que necessitaremos de sair deste paradigma ou que serão os indivíduos que tomarão a comunidade e a desenvolverão dentro de si mesmos? A minha resposta imediata é de que necessitamos de ambos. Já existe este movimento crescente para a criação da alternativa, e já mencionei o movimento de cidades de transição, o movimento do povo, a economia de partilha, a economia de dádiva e tudo mais. Para indivíduos e comunidades a ligação de uns com os outros usando novos modos de organização é algo grande e poderoso. Mas isto não é suficiente, não altera o sistema. Também precisamos de recuperar a democracia. Precisamos de repensar como os recursos mundiais são redistribuídos, porque aí existem problemas políticos massivos, existem problemas estruturais que necessitam de ser abordados. Saindo do sistema e criando a alternativa, não estamos a abordar estes problemas estruturais políticos, sociais e económicos em todos os níveis da sociedade e é realmente importante que façamos ambas as coisas. Vemos frequentemente pessoas que estão a trabalhar para a mudança transformadora, alteração estrutural, justiça, etc., mas que não estão empenhadas em criar a alternativa e vice-versa. Precisamos de ligar estas duas abordagens.

Eu sou todo a favor da partilha, mas interessa como ela é feita. Eu tenho esta empresa e tenho este cargo de topo valendo 100 000 libras, pedirei candidaturas e chegam 27 candidaturas. Só uma será aceite, os outros 26 candidatos permanecerão desempregados, por isso o que faço? Na Índia dizem que se deve renunciar a tudo, vender tudo. Fizemos uma série de experiências na sociedade com partilha e assistência social, com uma série de consequências imprevistas. O que podemos fazer de diferente acerca da partilha de modo a que não haja consequências involuntárias da partilha? Existe uma viragem massiva global para modelos e cooperativas sem fins lucrativos, onde a tomada de decisão é distribuída de forma mais uniforme entre accionistas, e os lucros são também partilhados mais equilibradamente entre as partes interessadas, não sendo obtidos por accionistas. Este tipo de modelos tem estado a surgir há já um longo tempo e existe globalmente um milhar de milhão de pessoas que fazem agora parte de uma cooperativa. Em relação à segunda questão de como podemos partilhar, há literatura aqui, podem visitar o nosso site, existem ideias diferentes sobre como estabelecer sistemas que estejam amplamente em linha com o princípio de partilha. Também existem problemas com os sistemas de assistência social e de protecção social, mas é bem melhor tê-los do que não os ter. São muito importantes no mundo em desenvolvimento onde, em muitos países, ainda faltam sistemas eficazes de assistência e protecção social. Por isso, é realmente importante fortalecê-los e expandi-los nos

municípios, necessitando-se também de tais sistemas em acção globalmente. Como o faremos exactamente é quase uma discussão secundária, porque neste momento estamos a mover-nos na direcção exactamente oposta. Precisamos de exigir algo diferente e isso está a acontecer globalmente.

A questão que vou realçar é que, para mim, a palavra partilha é um factor com dois sentidos, pois de algum modo a partilha tem de conservar o respeito próprio da pessoa com quem se partilha para lhe permitir dar algo de volta para manter o seu respeito próprio. A vossa organização permite-nos continuar confiantes a partir dessa trapalhada que é só doação. Não se trata de caridade nem de dádiva individual. De facto existe muita literatura a sugerir que caridade é parte do problema, porque mantém o status quo. O problema é justiça, partilha significa realmente justiça. O nosso destaque é a forma de criar um mundo justo e sustentável. É a criação de sistemas económicos, sociais e políticos que incorporem sistemicamente o princípio de partilha.

O vosso fundador escreveu um relatório que dá ênfase à forma como o artigo 25 da Declaração Universal de Direitos Humanos poderia ser usado e isto regressa à justiça como uma pedra de toque sobre como estabeleceriam sistemas de partilha. Estamos ainda a explorar e a desenvolver esta ideia. A questão real é como criamos a mudança? Necessitamos de um movimento global de cidadãos que estejam nas ruas a exigir mudança aos seus governos. Evidencia-se a sugestão de que o número de protestos por justiça social e económica tem realmente aumentado nas últimas décadas, e precisamos de pessoas que se reúnam com o coração aberto no espírito de partilha, exigindo bom senso aos seus governos. O artigo 25 estabelece que todos têm o direito ao essencial da vida. Isto não é óbvio em parte alguma do mundo, provavelmente em nenhum país do mundo. Se não pudermos alcançar isso, que esperança temos de resolver a mudança climática? Por isso, este teve de ser o ponto de partida.

Muitas pessoas falam sobre um choque económico global vindouro. Como ver algo a emergir daqui para criar uma nova economia? Além disso, alguém mencionou a humanidade como estando num ponto de viragem em termos de mais pessoas despertarem para a Consciência Crística. A minha pergunta tem a ver com o conceito de propriedade e de gestão. Como a vossa organização inclui o conceito de gestão no conceito de partilha? Penso que quando falamos de propriedade, pensamos do meu iPhone, mas existem coisas que necessitam claramente de ser geridas em vez de serem apropriadas pelas nações do mundo, ou comunidades locais. É nisto que o povo está focado. A gestão de recursos comuns não tem a ver com propriedade; mas isso não significa que não possamos ter as nossas mesa e cadeiras. Esse é um nível diferente de propriedade. Quando se trata de coisas que realmente interessam no mundo, a gestão é preferível à propriedade.

Sobre a questão maior de como acontece a mudança, aí estamos a enfrentar a manifestação do princípio crístico e a compreensão de sermos a humanidade una. Infelizmente poderia acontecer que outra crise global económica, um grande desastre, pudesse catalisar esse processo. Se isso acontecer, então ou ressuscitamos o velho sistema e ele acontece de novo, ou trabalhamos democraticamente em conjunto para produzir um novo sistema baseado em princípios diferentes, tendo a partilha de fazer parte sem dúvida dessa discussão.

O primeiro de três pontos: o que dizer das novas formas de partilha que vemos alinharem-se com a lei de menor resistência, por exemplo AirBnB, Uber. Em segundo lugar, a vossa visão sobre os telemóveis incitou-me um pouco. Especialmente em África, os telemóveis são um forte motor de justiça acrescida, e a distribuição de nova tecnologia tal como o acesso a micro-empréstimos e a penetração de acesso aos telemóveis em muitos países de África vai até aos 80%, ultrapassando muitos factores para o conseguir. O terceiro ponto relaciona-se com os vossos comentários sobre gestão. O local para iniciar a partilha é o conhecimento e a educação. Em primeiro lugar, a partilha faz absolutamente parte do que significa ser humano: testemunhos das ciências antropológicas e comportamentais demonstram que partilha e cooperação estão programadas em nós desde uma idade muito precoce. Numa perspectiva evolutiva não teríamos sido capazes de evoluir como espécie se não fôssemos capazes de partilhar. A AirBnB e a Uber apelidam-se de economias de partilha e eu discordo disso; são essencialmente arrendamento ao invés de partilha. Quanto aos telemóveis, têm razão, existe uma diferença entre o uso pragmático do telemóvel quando necessário, como um meio de ajudar o

desenvolvimento, e o nosso descartar de telemóveis em poucos meses, trocando-o pelo último modelo, o que é um enorme desperdício de recursos. Há uma forma melhor de o fazer.

Têm alguns comentários finais? Necessitamos de analisar como nos podemos envolver a tentar criar a alternativa e a exigir mudança aos nossos governos. Se Cristo estivesse hoje no mundo certamente estaria também a exigir justiça para as pessoas que normalmente não têm acesso aos recursos que consideramos garantidos? Existem 17 milhões de pessoas que morrem sem necessidade em cada ano e, felizmente, existem por aí milhões de ONGs, organizações da sociedade civil e campanhas a proporcionar imensas oportunidades a qualquer pessoa que deseje servir.

Sustentabilidade – Uma Responsabilidade Partilhada

Jimena Leiva Roesch do Instituto Internacional da Paz partilhou os seus pensamentos sobre como os novos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável expandem o âmbito da responsabilidade humana de partilha.

Os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável: Um Apelo Colectivo à Vontade

Jimena observou que em 25 de Setembro, seguindo um discurso inspirador do Papa, a comunidade de nações reuniu na ONU para adoptar uma nova Declaração descrita como uma “carta para pessoas e o planeta no século XXI”. A Declaração, *Transformando o Nosso Mundo: a Agenda para o Desenvolvimento Sustentável até 2030* (que inclui os 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável) destaca cinco elementos-chave: paz, parcerias, pessoas, planeta e prosperidade.

A Agenda 2030 aponta um novo paradigma do pensamento internacional: primeiro, os aspectos fundamentais de desenvolvimento – económico, social e ambiente – têm sido integrados. Cada um já não mais permanece sozinho. Sob o novo pensamento, o crescimento económico pode ser alcançado com inclusão social e com integridade ambiental.

Jimena
Leiva
Roesch
NOVA
IORQUE



Segundo, a agenda é universalmente aplicável: todos os países – Norte e Sul – estão comprometidos em implementá-la. Esta é talvez a maior mudança. Decisões tomadas numa parte do mundo afectam todas as outras. A alteração climática, desigualdade e as causas básicas de pobreza não podem ser resolvidas se o mundo industrializado não mudar. Para as nações avançadas, cujo único papel anterior era ser um doador, esta é uma grande mudança de paradigma. Agora, necessitam de olhar para dentro, pôr a casa em ordem e assumir a responsabilidade de implementar esta agenda em casa. Para os Estados Unidos, talvez um dos objectivos mais difíceis seja o Objectivo 13, alterar os seus insustentáveis padrões de consumo e produção. Isto requer alterações profundas em todos os nossos estilos de vida.

Terceiro, a definição de desenvolvimento mudou. Inclui agora questões que anteriormente tinham permanecido fora do seu âmbito tradicional – particularmente paz, segurança e mudança climática. Comunidades separadas têm agora o mandato para trabalhar em conjunto num espírito de colaboração. A comunidade trabalhando sobre mudança climática esteve sempre distante, longe da localização da ONU. Agora foi integrada como uma parte-chave do processo de desenvolvimento total no objectivo 13: Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos. Mais importante, a comunidade de paz e segurança é agora também encorajada a trabalhar com as comunidades sociais e ambientais. Aqui, as Nações Unidas necessitarão de redefinir o modo como trabalham. Correntemente, o Conselho de Segurança dificilmente trabalha em conjunto com a Assembleia-Geral, ECOSOC e a Comissão de Construção de Paz. A agenda 2030 tenta quebrar os silos que ficaram tão arraigados no nosso pensamento. Ela reflecte a mudança da era de Peixes para Aquário.

A quarta alteração de paradigma é o compromisso da sociedade civil. Durante os dois anos em que os ODSs foram desenvolvidos, o Secretário-Geral mencionou que foram recebidas mais de 8 milhões de visualizações da sociedade civil. Além disso, a sociedade civil não abandonou as salas onde

os ODSs estavam a ser desenvolvidos. No passado, negociações como esta eram muito frequentemente conduzidas por detrás de portas fechadas, só para governos.

Ontem, houve uma reunião na ONU sobre as sinergias entre a agenda 2030 e o futuro acordo de Paris sobre Mudança Climática. Uma das conclusões foi que eles fazem parte de uma agenda, a visão uma da humanidade. Em 2016, a ONU terá a oportunidade e o desafio de operar no quadro mais abrangente da história da organização, o desenvolvimento sustentável. Isto significa que indivíduos, todos nós que amamos as Nações Unidas e estamos em contacto com o seu trabalho, seremos solicitados a ser mais vigilantes e a recordar que a visão mudou.

Todas as vezes que rezamos ou dizemos a Grande Invocação – terminamos dizendo, “Que Luz, Amor e Poder restabeleçam o Plano sobre a Terra”. A agenda 2030 pode ser considerada como uma manifestação, numa pequena escala, deste Plano-mestre na Terra.

Jimena concluiu realçando o que significou para ela explorar este tópico de reconstrução do santuário da vida humana. Como alguém envolvido nestas duas negociações governamentais (a maioria do tempo envolvida exteriormente), isto significou virar-se para dentro: dedicar algum tempo à construção do santuário dentro de si própria; fortalecer a voz de silêncio; dedicar mais tempo à limpeza e à avaliação dos seus hábitos; integrar mais os três corpos; e confrontar vários medos. Para outros, reconstruir o santuário pode ser totalmente diferente, ou o oposto, talvez estando mais fora no mundo e menos no interior? Seja onde for que estejamos, isso significa sermos capazes de sustentar as novas energias que estão a chegar, sendo depois capazes de as irradiar. Para isso, os corpos precisam de estar alinhados e continuar a caminhar agilmente.

Educação e a Chama de Juventude

Judit Hegedus do Conselho Internacional das Faculdades verificou progressos nos ideais por detrás de três iniciativas educacionais internacionais.

Educação para a Cidadania Global – Sinais da Alma

Judit observou que, desde a década de 1950, a educação universitária se expandiu bastante. O acesso às universidades tem aumentado em todo o mundo, o número de estudantes a estudar na universidade tem estado a subir e a mobilidade estudantil global está a aumentar.

Judit
Hegedus
NOVA
IORQUE



O número crescente de alunos a estudar fora dos seus países de origem leva-nos, com auxílio de desenvolvimentos em tecnologia de informação, a uma percepção crescente de interconectividade transnacional. Os estudantes estão integrados em redes globais maiores e, em resultado disso, experienciam uma percepção de unidade maior e, ainda mais importante, têm maior probabilidade de reformular as suas vidas em conformidade.

Actualmente são utilizados três grandes sistemas para preparar os estudantes para a universidade em mais de cem países. É significativo representarem alguns valores comuns a emergir na educação.

O primeiro é o Bacharelato Internacional (BI), nascido em Genebra em 1971. Existem actualmente 4 200 escolas em cerca de 130 países a ensinar os programas do BI. A missão é inspiradora, pretendendo desenvolver jovens inquiridores, informados e atentos que ajudem a criar um mundo melhor e mais pacífico através de compreensão e respeito interculturais. Estes programas encorajam os estudantes em todo o mundo a tornarem-se activos, solidários e formandos ao longo da vida, que compreendem que outras pessoas, com as suas diferenças, podem também estar correctas.

O segundo sistema, o Programa de Colocação Avançada (CA), começou nos Estados Unidos em 1955 como um programa para os estudantes do ensino secundário interessados em ciências e que estavam prontos a iniciar o primeiro ano dos cursos de nível universitário. A mais recente inovação, o Programa de 2 anos, Programa de Conclusão CA, é um desenvolvimento interessante. É interdisciplinar, global, e inclui investigação de grupo e um seminário, juntamente com cursos que dão

uma base para conhecimento de tema. Existem similitudes importantes com o programa BI – os objectivos de aprendizagem para estudantes incluem:

- Pensar criativamente para ganhar compreensão
- Descoberta de problema e solução do problema
- Colaboração para resolver um problema
- Sintetizar e fazer ligações multicurriculares.

O marco fundamental do programa é um curso seminário de um ano onde os estudantes podem falar acerca de qualquer tópico que escolham – eles são testados em competências como a capacidade de trabalhar em equipa em vez de trabalhar sobre conteúdos.

O terceiro sistema internacional mais importante é o Programa Cambridge Pre-U que se iniciou no Reino Unido e agora opera em cerca de 130 países. Combinado com os requisitos de Nível-A, o programa está mais focado em temas especializados do que estão os outros dois. Entre os objectivos estão:

- Encorajar o desenvolvimento de mentes individuais bem informadas, abertas e independentes
- Ajudar os estudantes a adquirir competências específicas para solução de problemas, pensamento crítico, criatividade, trabalho de equipa, aprendizagem independente e comunicação eficaz
- Promover uma perspectiva internacional e uma consciência intercultural.

Estes três programas fornecem uma prova clara de as qualidades da alma estarem a ser infundidas crescentemente na educação. A mobilidade estudantil global veio para ficar; continuará a aumentar, permitindo um nível de consciência superior da Unidade da humanidade. Para além da variedade de abordagens à aprendizagem em diferentes países, as tendências seguintes continuarão no currículo da escola secundária: colaboração com outros; aprendizagem interdisciplinar; aprendizagem individualizada; foco nas capacidades, não nos conteúdos; afastamento da memorização; foco na solução de problemas; promoção da compreensão de outros povos e culturas e ênfase nas relações humanas correctas (“outros podem estar certos”); avaliações baseadas em resultados em vez do recebido. No entanto, ainda estamos no início da jornada.

Hilary, Michael e Clarence Harvey, representando a WYSE Internacional, partilharam as suas experiências de estímulo de liderança em jovens que desejam servir os outros.

Mentes WYSE sobre Ombros Jovens

Hilary,
Michael e
Clarence
Harvey
LONDRES



Hilary observou que a WYSE Internacional foi estabelecida para transformar algumas das formas como nos relacionamos como seres humanos, focando-se especificamente no apoio aos jovens que estão a emergir como líderes em todo o mundo. A WYSE concentra-se no modo como eles podem expressar um sentido de serviço.

O contexto em que estamos a pensar é global. O facto interessante para a WYSE é que a maior geração de jovens, alguma vez existente no planeta, é a geração actual. Mais de metade da população no planeta tem menos de 35 anos e 90% destas pessoas vivem no chamado mundo desenvolvido. Através da tecnologia temos mais acesso a modos alternativos de ver o mundo e estamos mais em movimento. Estamos a mudar-nos para a cidade a partir de uma base demográfica mais rural. Isso leva à questão dos recursos. Como dizia Rajesh, o que parece o consumo? Se todos na Terra quiserem viver no estilo a que estamos aqui acostumados são necessários mais do que três planetas cheios de recursos. E estamos a começar a receber alguma reacção do planeta, o clima está a aquecer, temos de perguntar se existe água potável e alimento para todos? Este é o contexto no qual mais de metade da população mundial está a viver. Estas são as perguntas que fazemos aos líderes que trazemos para os nossos programas para se empenharem na resposta. Pedimos-lhes para se concentrarem na pergunta, qual é o nosso papel em tudo isto? Kofi Annan disse: "O modo como educamos os jovens e dirigentes de amanhã deve também mudar, devemos aproveitar o momento para libertar e mobilizar mentes para enfrentarem estes desafios

com força e propósito". É algo que na WYSE levamos muito a sério. A nossa missão fundamental é apoiar os líderes emergentes para a mudança global e a nossa visão é uma rede global de líderes emergentes inspirados, que se sentem apoiados e ligados uns aos outros para elaborar contribuições positivas nas suas comunidades.

A WYSE trabalha principalmente com jovens entre 18 e 35 anos, e tipicamente tem à volta de 30 participantes numa extensão de cerca de 20 países. O mote de juntar uma diversidade tão rica quanto possível é realmente importante para nós. Também gerimos um programa de liderança avançada onde a temática está essencialmente focada na vontade – como empenham as pessoas o seu sentido de vontade para traduzir em acção as suas visões do mundo? Todos fazemos este trabalho pro bono e temos profissionais e peritos que colaboram e não cobram pelo seu tempo. Isso significa que somos capazes de reduzir os custos significativamente. Para além disso também oferecemos bolsas de estudo. Para nós é realmente importante sermos capazes de fornecer esta forma de apoio para líderes emergentes que normalmente não teriam acesso a este tipo de treino em liderança.

Michael compartilhou que a WYSE teve um papel significativo para ele ser capaz de determinar onde podia conseguir o seu melhor impacto no mundo. Actualmente, ele trabalha com grandes empresas multinacionais como parte de um grupo de reflexão com o objectivo estabelecido de inspirar e permitir que os seus negócios abram o caminho para uma economia sustentável. As empresas com que trabalhou estão a funcionar activamente com o desafio de incorporar práticas sustentáveis nos seus modelos de negócio. Muito foi feito com a participação de jovens no apoio a este tipo de inovações e com o papel que têm de desempenhar até em multinacionais maiores, que por vezes são muito estáticas e não predispostas a alterar os seus caminhos. Segundo relatórios recentes de companhias como Deloitte e MacKenzie, é claro o grau de aspiração à liderança destes indivíduos e esperam muito mais das empresas onde trabalham. Em termos de responsabilidade social demonstrada pelas empresas, ele esteve num evento no início desta semana onde um dos quatro maiores fornecedores mundiais de energia esteve a falar acerca de quanto tempo levaria a passagem para uma economia de baixo carbono. Ficou surpreendido com o poder de argumentação e também com o facto de a probabilidade disso acontecer realmente dentro da empresa estar a ser impulsionada pelas pessoas mais jovens dentro da organização. A sua visão é a de que humanos e jovens adultos são capazes de operar dentro de fronteiras planetárias e, talvez mais importante, uma visão na qual nós como indivíduos somos capazes de prosperar em todos os aspectos potenciais das nossas vidas, mas especialmente através do trabalho diário e da empresa onde estamos empregados.

Clarence observou que está a emergir uma nova História e que nós fazemos parte da criação dessa História, tanto individual como grupalmente. Como sabemos, parte dessa História tem muita violência, tal como foi hoje mencionado por outros oradores. Temos de ter em consideração o facto de o papel dos jovens nesta transformação não ser só coisas amorosas, fofinhas e agradáveis; estamos a lutar, como humanidade una, com o que é o caminho correcto para pôr em acção aquilo que são os meus ideais. Falamos sobre espiritualidade e tentamos praticar estes aspectos e, no entanto, a percepção de espiritualidade de algumas pessoas leva-as a fazerem-se ir pelos ares e levar os outros com elas. Essa questão da acção responsável é uma coisa com que jovens e mais velhos estão a lutar. Como podemos ter em mente o papel dos jovens na função da transformação mundial? E transformação para quê, ou em quê? Para Clarence, a sua imagem de uma humanidade que está a evoluir em todos os aspectos que valorizamos, como partilha, atenção e nobreza, está resumida no conceito de um bodhisattva – aquele cujo coração está aberto, cuja mente está aberta e iluminada. E esta não é uma pessoa individual, é aquilo pela qual a humanidade está a lutar, a empenhar-se e a desenvolver. Foi isso que o atraiu para a WYSE, como um exemplo prático de um grupo de pessoas que pensam valer a pena cultivar nos jovens estes aspectos mais nobres do que significa ser humano. Clarence concluiu compartilhando o exemplo de duas participantes da WYSE, duas irmãs advogadas, que elaboram uma revista, chamada Lawtoons, que apresenta detalhadamente a explicação da lei para crianças em banda desenhada, para as crianças poderem começar a compreender as leis vigentes no seu país e os direitos consagrados nestas leis. Jovens educando gente ainda mais jovem. Esse tipo de educação dos jovens faz parte deste processo.

Transformando criativamente o conflito

Oliver Rizzi Carlson descreveu uma técnica para a resolução de conflitos de forma não-violenta que respeita todos os participantes e a sacralidade fundamental da vida.

Uma Sociedade Sagrada

Uma definição de sacralidade é "aquilo que nos cura em cada momento" e Oliver frisou que, apesar das nossas experiências do sagrado poderem ser fugazes, estão potencialmente sempre à nossa disposição. É um problema que a maioria dos sistemas sociais materializem, ao invés, a ideia de separatividade, que é frequentemente uma fonte de sofrimento. O desafio é evoluir a consciência em direção a uma visão de um mundo integrado até podermos criar sistemas que não provocam sofrimento.

Oliver Rizzi
Carlson
GENEBRA



Uma área onde é particularmente importante alcançar isto é no campo de sistemas de resolução de conflitos. Onde estes existem actualmente são com frequência estruturas controladas pelo estado, a nível nacional, que aplicam leis e regras com métodos coercivos e com uma visão de fracasso e culpa, bom e mau, etc. Tudo isto cria uma experiência de conflito que é muito dolorosa para todos os envolvidos.

Muitas vezes é bastante difícil ver a natureza violenta destas estruturas (falamos de violência cultural), pois usamo-las há muito tempo. Na verdade, elas têm alguma utilidade; mas, cada vez mais, damos conta das suas limitações. A palavra "violência" é apropriada porque estamos a começar a ver a maneira como estas estruturas *violam* a vida. Conceitos que não violam, mas respeitam e possibilitam a vida (isto é, criam espaço para aquilo que emerge), podem ser encontrados na permacultura, educação alternativa, novos modelos económicos e ciência quântica, entre outros. Vemos nestes interdependência, fluidez, autonomia, diversidade, a relevância de limites, mudança, descentralização, partilha de recursos e poder, lei de menor esforço, etc.

Todos estes aspectos têm em comum a ideia de (re)criar conexões intrapessoais, interpessoais e sociais, por estarem na base de uma visão diferente de paz. Paz já não é controlo de comportamento (aquilo a que chamamos de "ordem" e "segurança"), mas uma conexão que nos permite manter o laço entre nós e a vida, aquilo que nos move. Fundamentalmente, vida é movimento. Diálogo é o mesmo movimento, que expressa o eu enquanto respeita o outro, iniciando a partir de e criando uma conexão e unidade maiores. Como exemplo, destaquemos os "Círculos Restaurativos" nascidos no Brasil.

Os círculos restaurativos fazem parte de uma visão de relações humanas nas quais os conflitos são vistos como inevitáveis, e até como veículos de vida, porque as suas origens descendem de relações. As partes do conflito não são duas, mas sempre três: o actor, o recipiente da acção e a comunidade afectada pelas suas relações com os actores no conflito.

Os círculos restaurativos criam assim uma estrutura de apoio que constrói a ligação em cada passo do processo. O processo culmina no círculo onde todas as pessoas envolvidas podem escutar-se umas às outras e serem ouvidas. Assim, damos a nós próprios um espaço no qual a mensagem carregada nas nossas expressões, por vezes dolorosas, pode ser mais facilmente ouvida tornando supérflua, ao mesmo tempo, qualquer violência.

A criação de um círculo restaurativo depende, antes de mais, do acordo de um grupo de pessoas. Nada é forçado, e os que estão envolvidos concordam com o princípio de que as suas relações são importantes para além dos problemas que possam estar a enfrentar. Existe, por isso, um reconhecimento de interdependência entre todos. Há também um reconhecimento de que os conflitos são naturais.

Não existe qualquer hierarquia na criação destes círculos, e esta partilha de poder é expressa pelo segundo elemento do sistema: que os acordos no modo como se trabalha estão acessíveis, a toda a hora, a todos os seus membros.

O terceiro elemento é o mecanismo de activação do círculo, que tem por objectivo comunicar a existência de um conflito. Isto também é determinado por todos os membros. Por isso, deve ser um mecanismo acessível e prático, com a possibilidade de haver diferentes meios de comunicação da existência de um conflito. É importante haver um primeiro passo fácil, nos momentos em que o peso de um conflito torna tudo difícil, de modo a obter-se uma boa ligação desde o início.

O quarto elemento diz respeito à formação de facilitadores de círculo, que são parte da comunidade existente. Membros deste grupo oferecem-se para o serviço da comunidade e respondem quando alguém activa o sistema. A educação e a formação dos facilitadores evoluem com o próprio sistema restaurativo. Assim, quando alguém comunica a existência de um conflito, o primeiro passo é a criação de um *pré-círculo*.

Num *pré-círculo*, os facilitadores reconhecem a interdependência permitindo que a partilha de outra pessoa os toque. Procuram descobrir o que seria requerido pelo círculo restaurativo. Confirmam finalmente a disposição da pessoa para seguir o processo. Subsequentes pré-círculos com as pessoas mencionadas pelo primeiro ocorrem do mesmo modo, partilhando o poder e seguindo as conexões que se tornam visíveis. A conexão com a experiência mútua permite-nos reconhecer o valor de cada experiência; não nos tornarmos imparciais, mas antes multiparciais.

O quinto elemento de um sistema restaurativo torna-se importante durante o círculo: um espaço físico onde o ambiente material contribui para a conexão através da ausência de perturbação, de ruído, dando conforto e facilidade de acesso, e também através da importância simbólica que possa ter para a comunidade.

O objectivo do círculo, decidido numa reunião entre as pessoas envolvidas, é restabelecer o elo entre pessoas através de uma escuta profunda e não chegar a um ponto pré-determinado. O(s) facilitador(es) só estão presentes para fornecer o apoio necessário para se criar esta conexão. A ausência de regras, a intervenção do(s) facilitador(es) apenas se necessária para uma audição mais profunda, e a limitação intencional dos modos de intervenção, reconhecem a natureza viva e a consciência grupal. Esta descentralização contribui, por isso, não só para um processo enriquecido pela diversidade das contribuições, mas também para a durabilidade dos resultados. Seguem-se os pós-círculos de acompanhamento dos acordos feitos durante um círculo, para ver se foram alcançados os seus objectivos.

Esse sistema pode ser visto como demasiado idealista, no entanto é através da experiência que esta abordagem e os seus princípios têm sido descobertos. Mostraram-se eficazes e ocorrem novas descobertas constantemente. Chegamos finalmente à questão do que pensamos ser possível – a nossa visão do mundo. É na demanda daquilo que acreditamos existir que redescobrimos a estrutura sagrada da vida de modo a criar um mundo de paz.

SÍNTESE - Uma Comunidade de Serviço

Martin Ping da Associação Vale de Espinheiro (Hawthorne Valley) partilhou as suas experiências de trabalho numa comunidade de longa data inspirada pelo trabalho de Rudolf Steiner nos sectores da agricultura, educação e artes, incluindo o modo como a gestão de conflito ("zonas de tensão") promove a criatividade no serviço.

Solo, Alma e Sociedade: Uma História de Amor em Três Movimentos

Martin
Ping
NOVA
IORQUE



Martin começou por partilhar que a sua casa se encontra na pequena aldeia de Harlemlville, NY, que tem mais vacas que pessoas. Observou que as polaridades aparentes, que testemunhamos em nós mesmos numa base diária, definem realmente o que significa ser humano. Estamos em dois lugares ao mesmo tempo, tentando harmonizar o que é por vezes uma zona tensa entre o ser físico, incarnado na matéria, e um ser espiritual com uma tarefa na Terra. É útil ter este sentido dos dois aspectos do nosso ser como uma perspectiva no enfrentar os desafios dos acontecimentos mundiais

bem como os desafios da vida de trabalho diário.

O Vale de Espinheiro é uma quinta biodinâmica de 400 acres [Nota do tradutor: 1 acre americano = 4 046,82 m²] com vacas leiteiras. Existe um centro processador de laticínios, uma padaria e adega, e um armazém de gama completa. Na quinta existe uma creche até ao grau 12 da Escola Waldorf, um centro de pesquisa agro-ecológica, Farmscape, um Centro para Pesquisa Social, a companhia de teatro Walking the Dog (Passeio do Cão) e outros programas. Para além da escola, cerca de 30 crianças vêm à quinta todas as semanas desde 1972, muitas vezes provenientes de ambientes difíceis nas cidades interiores. Elas chegam à Segunda-feira e permanecem na casa principal da quinta até Sexta-feira, antes de regressarem às suas casas na cidade. Ao longo dos anos, cerca de 25 mil crianças passaram pela casa. Existe também um programa de formação de agricultores, com 10 aprendizes na quinta em cada ano. O programa Farm Beginnings (Início em Quinta) oferece cursos aos agricultores e potenciais agricultores em todo o Vale Hudson, e o USDA acabou de premiar o Vale de Espinheiro com um subsídio de 700 000 dólares para servir as pessoas recentemente detidas, antigos veteranos e imigrantes. Trabalham em Vale de Espinheiro cerca de 200 pessoas e, integrando todas estas actividades, o objectivo é encontrar vias para a renovação da sociedade e da cultura. É um objectivo grandioso, não menos grandioso do que a reconstrução do santuário da vida humana. É realmente a mesma coisa.

Existe muita produção agrícola em Vale de Espinheiro, e não é uma maneira fácil de ganhar a vida, especialmente numa escala pequena. E quando se combina a agricultura, a comercialização e venda da nossa produção, a escolarização de crianças, investigação científica e cultural, tudo se torna um pouco mais difícil. É desenvolvido um novo tipo de musculatura social. Existe uma zona de tensão que trabalhamos, requerendo a aprendizagem constante de novas formas de seguir em frente, de modo a não ficarmos malucos, não desistir e não fugir. Com o tempo, aprendi a apreciar o modo como todos os caldos criativos se resolvem nessa zona de tensão. Quanto mais tempo se permanecer nela, mais depressa se descobrem novas maneiras de resolver os problemas, novas maneiras de fazer as coisas. Colaboração é a única coisa que vai resolver as questões diárias. Estamos a viver em tempos anti-sociais e existem forças que tornam realmente difícil que os seres humanos trabalhem juntos para construir o santuário da vida humana. Qualquer coisa que nos impele ou nos dá a prática no desenvolvimento desta musculatura social é uma coisa boa. Durante os últimos 43 anos, o Vale de Espinheiro tem sido como um microcosmo de todo o sistema, aprendendo a cooperar e trabalhar como um organismo.

Como um exemplo, tomemos o Programa de Ecologia Farmscape que, de uma maneira racional e científica, explora os sistemas que já estão no terreno, o que já está lá a viver e quais os relacionamentos existentes de que temos de tomar consciência antes de se iniciar qualquer plantação. Com esta compreensão podemos trabalhar então, de maneira colaborativa e harmoniosa, com o meio natural. Um biólogo, um botânico, um antropologista e um técnico são membros permanentes do pessoal do Programa, investigando e aconselhando não só a quinta de Vale de Espinheiro, como todo o Condado de Colômbia e agora um pouco acima e abaixo do Vale Hudson.

Um outro exemplo dos nossos esforços para cooperar com o ambiente natural é a prática de biodinâmica, que encara a quinta como um organismo vivo e cuida para não desequilibrar a terra, os animais ou as pessoas. O solo é um grande foco que trabalhamos para criar fertilidade, cultivar realmente o solo que depois faz crescer o nosso alimento. Fazendo tudo isto, é necessário ter pelo menos uma vida razoável. Isto acontece adicionando valor ao alimento produzido directamente na quinta e através da comercialização directa para os nossos clientes nos nossos próprios mercados e armazéns verdes. Existe uma peça educacional para divulgar isto com a intenção de ajudar os clientes a tornarem-se co-produtores de plenitude mental. Este é um sistema económico integral que estamos a gerar.

Portanto, como aconteceu tudo isto? O impulso fundador é a chave. Depois, o local é realmente importante, as pessoas são realmente importantes, o tempo é realmente importante. Pensem no dia de hoje e em tudo que se passa num dia. E então pensem acerca de todos os dias que passaram desde 30 de Julho de 1972 quando foi comprada a quinta – é algures na extensão de 15 mil dias. Imaginem todo

este tempo, os milhares de pessoas, os espantosos relacionamentos que aconteceram pela criação desse lugar.

Um dos nossos fundadores foi Karl Ege; foi o último instrutor que Rudolf Steiner treinou em Estugarda. Steiner disse-lhe que, se pudesse planejar escolas e educação de novo rodaria o leme em 180 graus para a prática e a educação da vontade. Este foi o seu impulso, o treino dessa qualidade muito misteriosa de vontade que se tornou central para a visão do Vale de Espinheiro – unindo educação e agricultura. Aqui está um pensamento final de Karl. É hoje tão relevante como foi no início da década de 1970:

"Pois hoje algo totalmente novo está a tentar desenvolver-se. O que é isto? É a estrutura social da era vindoura. Deve tomar forma através da visão dos impulsos espirituais positivos que estão agora a emergir. Não podemos pensar sozinhos neste desenvolvimento; só nos podemos considerar como servidores dessas forças que estão a procurar abrir caminho para a humanidade."

Karl Ege, *An Evident Need of our Times (Uma Necessidade Evidente dos nossos Tempos)*

Em conclusão, o pensamento de Karl Ege expressa belamente a ideia da reconstrução do santuário da vida humana e apela a nós todos para aplicarmos o Espírito ardente de Relacionamento na quebra de barreiras entre nós de modo a podermos servir o todo com boa vontade para todos.



Apresentadores:

Sarida Brown conduz internacionalmente a *Sufi Healing Order (Ordem de cura sufi; <http://sufihealingorder.org>)* e fundou e editou o jornal de cura *Caduceus* durante 20 anos.

Rev. Tom Ravetz é um padre da *Christian Community (Comunidade cristã; www.thechristiancommunity.org)* – uma denominação inspirada por Rudolf Steiner.

Thomas Bohrn trabalha na área de telemedicina, focado especificamente na detecção precoce de factores seleccionados de risco cardiovascular, sobretudo relacionados com a qualidade do fluxo de sangue em diferentes partes do corpo físico.

Daniel Hersann é membro da gerência de uma subsidiária suíça de uma companhia global de TI e director financeiro da companhia.

Rajesh Makwana é o director de Share The World's Resources (Partilha dos Recursos Mundiais; www.sharing.org) que faz campanha por uma partilha mais justa de riqueza, poder e recursos dentro e entre nações.

Jimena Leiva Roesch esteve envolvida activamente nas negociações para elaborar os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável como Conselheira da Missão Permanente da Guatemala nas Nações Unidas. Jimena trabalha agora como Analista Política no *International Peace Institute (Instituto Paz Internacional; www.ipinst.org)*.

Judit Hegedus é Directora Executiva do *College Board International (Conselho Internacional das Faculdades; <http://international.collegeboard.org/>)*, ajudando estudantes dos Estados Unidos e de todo o mundo a frequentar universidades aqui e no estrangeiro.

Hilary Harvey é consultora e executiva de desenvolvimento de liderança. **Michael Harvey** é consultor de um grupo de trabalho de uma firma de assessoria estratégica a trabalhar com negócios para incentivar liderança e sustentabilidade. **Clarence Harvey** foi vice-director de uma escola Steiner e dirigiu eventos em educação baseada na alma desde os fins da década de 1990. Todos três estão associados à *WYSE (World Youth Service & Enterprise; Serviço e Empresa de Juventude Mundial) International (www.wyse-ngo.org)*.

Oliver Rizzi Carlson edita o boletim da Global Campaign for Peace Education (Campanha Global para Educação de Paz; www.peace-ed-campaign.org). Ele sedia espaços de aprendizagem com jovens sobre cultura de paz, tanto na escola como fora dela.

Martin Ping é Chefe Executivo da *Hawthorne Valley Association (Associação Vale de Espinheiro; <http://hawthornevalleyassociation.org>)*.

MÉRITOS DE IMAGEM:

Front Shutterstock: <http://www.shutterstock.com>

Worldgoodwill.org é o endereço da World Goodwill (Boa Vontade Mundial) na Internet. O Boletim está disponível neste site, assim como em **www.gem.org.pt** em língua portuguesa

AUXÍLIO NA CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES HUMANAS CORRECTAS

A Boa Vontade Mundial é um movimento internacional que auxilia na mobilização da energia de boa vontade e no estabelecimento de relações humanas correctas. Foi fundado em 1932 como actividade de serviço da Lucis Trust.

A Lucis Trust é uma corporação de caridade educacional sem fins lucrativos e isenta de impostos e

na Suíça encontra-se registada como associação sem fins lucrativos. A Boa Vontade Mundial é reconhecida pelas Nações Unidas como Organização Não-Governamental e é representada em sessões de esclarecimento regulares que têm lugar na sede das Nações Unidas. A Lucis Trust encontra-se incluída na Lista Oficial do Conselho Social e Económico das Nações Unidas.

O Boletim da Boa Vontade Mundial é publicado quatro vezes por ano. Salvo indicação em contrário, todos os artigos são da autoria dos membros da Boa Vontade Mundial. Aceitam-se pedidos para o fornecimento de cópias para distribuição. O Boletim encontra-se também disponível em: alemão, dinamarquês, espanhol, francês, grego, holandês, inglês, italiano, russo e sueco.

O trabalho da Boa Vontade Mundial é financiado por donativos, não havendo por isso um preço estabelecido para o Boletim; contudo, qualquer contribuição que possa desejar fazer é muito bem-vinda.

3 Whitehall Court
Suite 54
London SW1A 2EF
UK

Email: worldgoodwill.uk@lucistrust.org

Rue du Stand 40
Case Postale 5323
1211 Genève 11
SUISSE

Email: geneva@lucistrust.org

120 Wall Street
24th Floor
New York NY10005
USA

Email: worldgoodwill.us@lucistrust.org

Este Boletim é publicado e distribuído em Portugal, sob autorização de Worldgoodwill, por GEM - Grupo de Estudos Maitreya
Rua Carlos Mardel, nº57 - 1º Dto. | 1900-118 Lisboa | Portugal • Web: www.gem.org.pt | Email: lux.gem_org_pt@yahoo.com